



Manifesto: Arquitetas e arquitetos e urbanistas presentes: cidades prontas para o futuro. Vamos adiar o fim do mundo?

Somos arquitetas e arquitetos e urbanistas, mas somos, acima de tudo, povo. Vivemos e vivenciamos o campo e a cidade, entre bibocas, malocas, favelas, taipas, taperas, palafitas e casas ribeirinhas, ranchos, vilas e vielas. Construimos nas ruas e nos caminhos, ocupamos os vazios urbanos, moldamos com areia, barro e concreto, o direito à moradia. Em cada encruzilhada onde as vidas se encontram, cada caminho de terra, asfalto ou água e que abriga passos apressados, várzeas onde crianças jogam bola e largos que resistem há um pedacinho de nosso suor e saber. Somos cada pedaço desse chão que, mesmo pisado, massacrado e tantas vezes negado, não se rende.

O futuro não é acaso, é luta! Concebida no suor da memória coletiva, projetada no fazer ancestral. Nossa história, enraizada na sabedoria indígena e popular, grita há séculos: a terra não é mercadoria, é mãe. Cada rio represado, cada floresta devastada, cada nascente sufocada, ecoa um brado de revolta em um país que ainda não entendeu o que é soberania.

Nossa responsabilidade como arquitetas e arquitetos urbanistas vai além do traçado técnico. Somos construtores de direitos. Onde projetarmos a calçada, que haja encontro. Onde desenharmos uma praça, que haja uma festa. Onde construirmos uma casa, que haja dignidade. A cidade para o futuro é aquela onde nós, enquanto povo, fazemos morada, território de afeto e de pertencimento. O campo, a cidade e os territórios de Bem Viver do futuro são dignidade para quem vive da terra e o direito de existir em harmonia com ela. São onde o desejo de vida triunfa sobre o medo e o desejo de liberdade é mais forte do que as correntes da opressão. Nos espaços livres, o afeto não tem preço.

No suor do trabalho engajado, habita nosso compromisso com a transformação radical da sociedade. Estamos em disputa, no espaço e no tempo. Lutamos por campos, cidades e territórios que respeitem a biodiversidade, que acolham o humano e o não-humano, que reconheçam o direito de todos a brincar, caminhar e criar. Lutamos por territórios onde mulheres possam andar sem medo, onde crianças possam sonhar com liberdade, onde o trabalho seja expressão de vida, não de exploração. Lutamos por campos, cidades e territórios onde o amor, a partilha e o



encontro com o diferente, abram caminhos para novos futuros e que “adiem o fim do mundo”, como nos alerta o povo Krenak.

O tempo das lutas não é o tempo humano, mas sim o histórico. Quanta fé a humanidade depositou em prece sob os olhos da antiga torre da Sé, obra de Tebas? Quantos amores não se acalentaram com o lazer no Passeio Público, obra de Mestre Valentim? Arquitetos negros que forjaram o início de nossa profissão em um país que até hoje precisa enfrentar a tragédia do racismo. Quantos saberes na arquitetura popular, cotidiana, vernácula, de autoras e autores sem nome na história construíram nossa América Latina, esse lugar onde a cordilheira beija o rio? Saberes que nos ensinam caminhos para projetarmos hoje, a morada de um futuro que almejamos para o nossos.

A Arquitetura e o Urbanismo que defendemos é, antes de tudo, resistência. Não ergue palácios para o capital, mas fortalece os povos das periferias, dos campos, das águas e das florestas. É a arquitetura e o Urbanismo que encontram potência no imprevisto, inspiração na solidariedade e beleza na invisibilidade. É a obra que nasce da necessidade urgente de transformar a sociedade. Uma Arquitetura e um Urbanismo do comum, da partilha, ou melhor, uma arquitetura e um urbanismo que pertence a todos.

O futuro fazemos agora. É construído na luta pela moradia digna, pela demarcação das terras indígenas, pela preservação do meio ambiente e pela revalorização dos espaços populares, carregados de experiências e saberes únicos. Ele nasce nas trincheiras da igualdade, onde campo e cidade se encontram, onde saberes se trocam, onde a solidariedade constrói pontes e redes de potência entre os pobres. Não há cidade sustentável sem justiça social, e não há justiça social sem ruptura com as estruturas que transformam o espaço em privilégio.

Somos arquitetas e arquitetos urbanistas que amassam o barro no chão das desigualdades e levantam paredes de pau a pique com a coragem dos que sabem que: das boas lutas políticas, não devemos fugir nunca!

Somos aqueles que, com mãos calejadas e corações ardentes, ajudam a construir um Brasil onde viver seja um direito de todos, e não um luxo para poucos. Vamos além dos tijolos, além dos projetos. Fazemos a arquitetura que é miudinha, invisível aos olhos do poder, mas que é essencial, bela e transformadora no seio do povo. Pois nós, arquitetas e arquitetos urbanistas e sindicalistas, também somos povo.

Construímos, em cada traço e em cada luta, um futuro onde a terra, o espaço e a vida pertencem a quem os vive. Um futuro que nasce do povo e



para o povo. Entendendo que é do povo que vem nossa força, e é para o povo que devolvemos as cidades, os campos e os territórios tradicionais, com tudo aquilo que lhes é de direito. Esta é a nossa Arquitetura para os muitos Brasis que o Brasil esconde, as arquiteturas de lutas e ancestrais, que projetam um futuro possível “para adiar o fim do mundo”.

*Manifesto aprovado no teor no 48° ENSA, com construção coletiva, a partir da redação original por Rodrigo Bertamé.

Brasília, 01 de dezembro de 2024.

Andréa dos Santos

Presidente

Federação Nacional de Arquitetos e Urbanistas - **FNA**

Gestão 2023/2025